A INVISIBILIDADE DA LUTA DE CLASSES OU A CEGUEIRA DO ECONOMICISMO

Jessé Souza[1]

O objetivo deste texto[2] é refletir acerca das assim chamadas "classes populares" no Brasil contemporâneo. Toda intervenção no campo das idéias se dá, no entanto, dentro de um contexto já constituído com uma semântica e um conjunto de noções dominantes. Perceber isso é especialmente importante quando se trata da questão mais importante para a estrutura e legitimação de toda a ordem social: o tema da produção e reprodução das classes sociais. Não existe questão mais importante para a compreensão adequada de qualquer ordem social posto que: 1) é o pertencimento de classe que nos esclarece acerca do acesso positiva ou negativamente privilegiado a qualquer tipo – material ou ideal – de recurso social escasso; e 2) Como toda sociedade moderna – apesar de injusta e desigual em proporção variável – tem de "parecer" igualitária e justa, então são as justificativas que encobrem a desigualdade efetiva que permitem sua legitimação.

Todos os interesses e poderes que "estão ganhando" têm interesse na reprodução da sociedade injusta e desigual tal como ela é e a legitimam, por exemplo, dizendo que todo privilégio vem da ideologia do "mérito individual". Mas quem termina por fechar o círculo que constrói a nossa cegueira acerca do efetivo funcionamento da sociedade são as "ciên-

1 Jessé Souza, professor titular de sociologia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), diretor do Cepedes (Centro de Estudos sobre Desigualdade) e autor de diversos livros sobre teoria social e classes sociais no Brasil contemporâneo.

2 Agradeço a Maria Teresa Carneiro e Ricardo Visser pelas críticas e comentários a este texto.

cias da ordem", ou seja, as ciências que cumprem papel semelhante às propagandas de cigarro, às telenovelas e à fragmentação da consciência cotidiana. As ciências da ordem perfazem 80% ou 90% do que se passa por ciência, seja no Brasil seja fora dele. Minha tese é que o tema da produção e reprodução das classes sociais no Brasil é dominando por uma leitura economicista e redutora da realidade social. Certamente, a economia tem muito a contribuir para o esclarecimento da realidade social confusa. Mas ela "aparenta" dar mais coisas do que efetivamente dá. Aí temos o economicismo: uma visão empobrecida e amesquinhada da realidade, como se fosse toda a realidade social. Lamentavelmente, as obras recentes de dois dos mais festejados e reconhecidos economistas brasileiros, os professores Márcio Pochmann[3] e Marcelo Néri[4], sobre a "Nova Classe Média", comprovam nossa hipótese. É mister, pois, reconstruir precisamente daquilo que o "economicismo" não entrega, um diagnóstico mais completo de nossos problemas e desafios do que os que estão disponíveis hoje em dia no debate público brasileiro.

LIMITES E POSSIBILIDADES DO ECONOMICISMO

A tese central de Pochmann em seu livro recente é que todo o movimento positivo da pirâmide social brasileira, na primeira década do século XXI, na verdade envolveu postos de trabalho que se encontram na base da pirâmide social. Nesta, os movimentos mais importantes indicam a criação de quase dois milhões de ocupações abertas anualmente, em média, para os trabalhadores com remuneração mensal de até 1,5 salários mínimos, e de 616 mil postos de trabalho anuais em média, para a parcela de ocupados pertencentes à faixa de rendimento entre 1,5 e 3 salários mínimos[5].

Afora uma diferença de tom, não existe nenhuma diferença substancial entre a análise estatística de Pochmann e a análise de Neri em seu mais recente trabalho que estaremos usando para fins de contraposição. Ambos, inclusive, louvam a expansão do emprego formal com carteira assinada[6], o potencial de mobilidade ascendente acompanhado de inclusão no mercado de bens e consumo[7] e a diminuição da abissal desigualdade

3 POCHMANN, 2012.
4 NERI, 2012.
5 Ibid, pag. 19.
6 POCHMANN, ibid, pag. 38 e NERI, ibid, pag. 183.
7 POCHMANN, ibid, pag. 46 e NERI, ibid, pag. 85.

brasileira[8]. Até os fatores causais dessa mudança são percebidos por ambos do mesmo modo, na medida em que os ganhos de salário real e aumento real do salário mínimo, por um lado e o sucesso do Bolsa Família e do micro-crédito, por outro lado, são compreendidos como elementos decisivos.

Efetivamente a construção do conceito de uma "nova classe média" por Marcelo Neri carece de qualquer reflexão aprofundada. Neri simplesmente toma o "rendimento médio" como indicador da "Classe C" ou "nova classe média". Em seguida diz que não está falando de "classe social", supostamente para tranquilizar os "sociólogos", mas sim de "classes econômicas"[9]. O conceito de "classe econômica" é absurdo já que ou pressupõe que as determinações econômicas são as únicas variáveis realmente importantes para o conceito de classe ou, caso contrário, deveria simplesmente se referir a "faixas de renda" e não a "classes". Apesar de sua intenção explícita, a análise de Pochmann não é fundamentalmente diferente da de Neri. Ao contrário, para além das diferenças superficiais já apontadas, Pochmann compartilha os fundamentos essenciais da análise de Neri. Pochmann acrescenta, em relação a Neri, um estudo mais detalhado das ocupações que ganharam dinamismo no último momento econômico e confere menos ênfase aos dados de consumo. Assim, poderíamos dizer que Neri pratica um economicismo da "distribuição", enquanto Pochmann pratica um economicismo da "produção".

Ainda que o tratamento estatístico dos dados seja extremamente bem feito nos dois casos, proporcionando informações valiosas para qualquer interpretação que se queira fazer da realidade, nos dois casos, temos "apenas" isso: informações valiosas para uma posterior interpretação. O que os dois autores produzem ajuda a mapear um campo a ser explorado pelo pensamento reflexivo e interpretativo com ajuda de conceitos que permitem, estes sim, problematizar a realidade em toda a sua realidade. Ai está, em minha opinião, as possibilidades e os limites do economicismo e de todo conhecimento estatístico.

PARA IR ALÉM DO ECONOMICISMO

Ainda que Karl Marx tenha sido um autor genial e o pai de toda a ciência social crítica, o conceito central de "capital", por exemplo, foi desen-

8 POCHMANN, ibid, pag. 31 e NERI, ibid, pag. 59.
9 NERI, ibid, pag. 17.

volvido por outros autores, como o sociólogo francês Pierre Bourdieu, com um potencial criativo muito mais penetrante, esclarecedor e sofisticado do que seu uso por Marx. Em primeiro lugar, "capital" deixa de ser apenas uma categoria econômica, mas passa a incluir tudo aquilo que passa a ser decisivo para assegurar o acesso privilegiado a todos os bens e recursos escassos em disputa na competição social. Ainda que Bourdieu reconheça que o capital econômico é decisivo para assegurar vantagens permanentes nesta disputa, ele não está sozinho.

Para além do capital econômico, uma das maiores descobertas de Bourdieu para a ciência social crítica foi a descoberta da importância do "capital cultural". Capital cultural para Bourdieu é tudo aquilo que logramos "aprender" e não apenas os títulos escolares. A cegueira de toda forma de economicismo, para mim, reside no fato de não perceber que a faceta mais importante do capital cultural é o fato de ele ser uma "in-corporação", literalmente, "tornar-se corpo", de toda uma forma de se comportar e de agir no mundo, a qual é compreendida por todos de modo inarticulado e não refletido. O avanço científico aqui é a superação cartesiana da oposição entre corpo e espírito, onde o corpo é pensado como matéria sem vida e sem espírito, em favor de uma concepção onde o corpo é compreendido como um emissor de sinais e como prenhe de significados sociais[10]. Esse avanço científico esclarece, inclusive, a própria ação do capital econômico e a sua relação com outras formas de capital, o cultural e o social. Destes três, os dois primeiros são, nas sociedades modernas, os mais importantes.

Assim, uma família de classe média, que tem menos capital econômico que a classe alta, só pode assegurar a reprodução de seus privilégios se a família possui algum capital econômico para comprar o tempo livre dos filhos, que não precisam trabalhar cedo como os filhos das classes populares, para o estudo de línguas ou de capital cultural técnico ou literário mais sofisticado. Ao mesmo tempo, a competição social não começa na escola. Para que possamos ter tanto o desejo quanto a capacidade de absorção de conhecimento raro e sofisticado, é necessário ter tido, em casa, na socialização com os pais ou quem ocupe esse

10 Essa "virada epistemológica" nas abordagens mais sofisticadas das ciências sociais da segunda metade do século XX é, muitas vezes chamada de "revolução Wittgensteiniana". Ver, por exemplo, TAYLOR, Charles, 1993.

lugar, o estímulo afetivo – afinal, nos tornamos seres humanos imitando a quem amamos – para, por exemplo, a concentração nos estudos, ou a percepção da vida como formação contínua onde o que se quer ser no futuro é mais importante que o que se é no presente.

Os filhos das classes médias, com grande probabilidade, possuem esses estímulos emocionais e afetivos, ou seja, possuem esse capital cultural, o que irá garantir a sua reprodução de classe como classe privilegiada em dois sentidos. Em primeiro lugar vão chegar como "vencedores" na escola e depois no mercado de trabalho e ocupar espaços que as classes populares (classe trabalhadora e "ralé") não poderão alcançar; em segundo lugar, reproduzem também a invisibilidade do processo social de produção de privilégios – que se realizam na privacidade dos lares – e que podem "aparecer", posto que sua gênese é encoberta, como "mérito individual" e, portanto, como "merecimento" dos filhos das classes médias. Mas o economicismo é incapaz até de perceber adequadamente o próprio capital econômico. A reprodução das classes altas – que têm no capital econômico seu elemento principal na luta pelos recursos sociais escassos – também depende em boa medida de outros capitais. Por exemplo, um rico sem capital cultural de alguma espécie - nem que seja saber os novos lugares "in" no Soho em Nova Iorque, o vinho da hora, ou qual ilha no Oceano Índico é agora a legal para se levar a amante - não é levado a sério por seus pares. Ao "rico bronco" estão vedadas não apenas as importantes relações entre o capital econômico e o capital cultural, o qual possibilita a "naturalidade", a "leveza", o "charme pessoal", tão importante no mundo dos negócios como em qualquer outro lugar. Mas a ele estão vedadas também as relações com uma terceira forma importante de capital - ainda que secundária em relação aos estudados anteriormente - que é o "capital social de relações pessoais"[11]. É este capital que permite aquele amálgama específico entre "interesses e afetos", tão importantes para a gênese e reprodução das amizades, casamentos e alianças de todo tipo no interior de uma classe onde a reprodução dos direitos de propriedade é tão decisiva.

11 Bourdieu, Pierre, A Distinção, Zouk/Edusp, 2010 e Boike, Rehbein e Fröhlich, Gerhard, Bourdieu Handbuch: Leben, Werke, Wirkung, J.B. Metzler, 2009, pags. 134 e seguintes,

UMA INTERPRETAÇÃO NÃO ECONOMICISTA DAS CLASSES POPULARES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Como ir além da percepção limitada e superficial do capital econômico e com isso produzir uma percepção verdadeiramente crítica da realidade social brasileira? Esse foi precisamente o desafio que nos propusemos nas duas pesquisas que redundaram em dois trabalhos publicados subsequentemente: um trabalho sobre os "muito precarizados" socialmente, que chamamos provocativamente de "ralé"[12]; e o trabalho sobre os "batalhadores"[13], ou seja, os também precarizados socialmente, mas com maiores recursos e possibilidade de ascensão social.

Os dois estudos representam um esforço de compreender e responder a questão central: *o que é que faz com que alguns ascendam e outros não?*

O conhecimento estatístico é um "meio" e não um "fim em si", posto que está "a serviço" da necessidade "interpretativa", ou seja, daquilo que vai permitir reconstruir uma realidade que não é visível a olho nu de modo novo e inédito. O que há de novo e inédito no livro da "ralé" é, antes de tudo, a percepção de que eles formam uma classe social específica[14], com gênese, reprodução e futuro provável semelhante. Tanto o senso comum como a ciência dominante entre nós deixam de perceber essa classe "enquanto classe" ao fragmentá-la ao ponto de torná-la irreconhecível. Mas é possível defini-la seja na periferia das grandes cidades do Sudeste seja, por exemplo, no sertão do Nordeste, como a classe social reduzida a energia muscular, posto que não dispõe – ou não dispõe em medida significativa – das pré-condições para a incorporação do capital cultural indispensável no capitalismo moderno para o trabalho no mercado competitivo.

Essa classe é, portanto, "moderna" posto que formada pela incapacidade estrutural na sua socialização familiar – sempre de classe - de dispor dos estímulos afetivos e das pré-condições psíquicas, cognitivas e emocionais que possibilitam a incorporação do "conhecimento útil" necessário à reprodução do capitalismo competitivo. O economicismo

12 SOUZA, Jessé, et alii. 2009.

13 SOUZA, Jessé, et alii. 2010.

14 Que não se confunda com os diversos trabalhos sobre a pobreza e os pobres. O trabalho anterior mais importante sobre uma classe de desclassificados entre nós é o clássico de Florestan Fernandes, "A integração do negro na sociedade de classes". Neste brilhante clássico da sociologia brasileira, Florestan termina por confundir raça e classe social, o que limita de modo decisivo o alcance de seu trabalho. Para conhecer minha crítica em detalhe, ver SOUZA, Jessé, A construção social da subcidadania, pags. 153 e seguintes.

parte do indivíduo sem passado, já adulto e igual a todos. Mas o capital cultural é constituído por ambas as coisas: tanto as pré-condições afetivas e psíquicas para o aprendizado quanto pelo aprendizado em si do conhecimento julgado útil. No caso da ralé a carência e o abandono são tamanhos que a questão principal é a da ausência – em maior ou menor medida – dos próprios pressupostos indispensáveis ao aprendizado do papel social de "produtor útil" no contexto da economia competitiva.

Com o desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo a incorporação crescente de conhecimento aos meios de produção exige também que quem opera as máquinas – por exemplo, os robôs da indústria automobilística moderna - também seja "perpassado" por certa economia emocional e por conhecimento técnico. O trabalhador moderno do setor competitivo tem que ter incorporado, ou seja, tornado corpo, reflexo automático e naturalizado, tanto a disciplina e o autocontrole necessário ao ritmo das máquinas como o conhecimento para sua operação bem sucedida.

É esse tipo de incorporação de capital cultural que caracteriza as classes trabalhadoras modernas e que reencontramos nos "batalhadores" de nossa pesquisa.

A compreensão da profundidade da exploração sistemática desses trabalhadores pelas classes do privilégio no Brasil – as classes médias que incorporam capital cultural raro e sofisticado, e as classes altas que reproduzem, antes de tudo, capital econômico sob a forma de direito de propriedade – foi, talvez, o nosso principal resultado de pesquisa. Isso implica simplesmente poder perceber a luta de classes no cotidiano de todos nós, no qual ela opera de modo velado, naturalizado em práticas sociais sem discurso e sem articulação consciente, e, por isso mesmo, muito mais eficaz socialmente.

As classes do privilégio exploram esse exército de pessoas disponíveis a fazer de quase tudo. Desde o motoboy que entrega pizza ao lavador de carros, ao trabalhador que carrega a mudança nas costas; à prostituta pobre que vende seu corpo para sobreviver; ou ao exército de serviçais domésticos que fazem a comida e cuidam dos filhos das classes média e alta, que assim podem se dedicar a estudos ou trabalhos mais rentáveis. É este tempo roubado de outra classe que permite reproduzir e eternizar uma relação de exploração que condena uma classe inteira ao abandono e à humilhação, enquanto garante a reprodução no tempo das classes do privilégio.

Luta de classes não é apenas a greve sindical, ou a revolução sangrenta. Ela é, antes de tudo, o exercício silencioso da exploração construída e consentida socialmente, inclusive abordagens "científicas" que se constroem a partir do senso comum ao invés de criticá-lo. Não é a reprodução estatística, por mais bem feita, das ocupações brasileiras que vai "permitir a politização classista do fenômeno de transformação da estrutura social... do Brasil" [15]··, como é a intenção do Prof. Pochmann. A percepção da luta de classes exige os meios cientificamente adequados a isso. Exige tornar visível a formação e a gênese das classes sociais – e, portanto, do conjunto de capitais que irão pré-decidir toda a competição social por recursos escassos - lá onde elas são constituídas de modo muito específico.

A tese central do livro da ralé é que a luta de classes mais importante e, ao mesmo tempo, a mais escamoteada e invisível do Brasil contemporâneo é a exploração sistemática e cotidiana dos nossos desclassificados sociais, o que apenas contribui para sua reprodução no tempo. Não existe nenhum problema real, seja específico do Brasil ou de países em condição semelhante, que não advenha do abandono desta classe[16].

Usamos o mesmo método no estudo da classe que chamamos de "batalhadores". Aqui a questão foi tentar perceber como é possível reverter o círculo vicioso de abuso sexual generalizado, instrumentalização dos mais fracos pelos mais fortes, baixa autoestima, baixa capacidade de concentração e autocontrole etc., que caracteriza o cotidiano de muitas das famílias da ralé, e as condenam a uma vida sem futuro e sem esperança. "Ascender socialmente" só é possível a quem logra incorporar as pré-condições que o capitalismo atual pressupõe para a crescente incorporação de distintas formas de conhecimento e de capital cultural como "porta de entrada" em qualquer de seus setores competitivos. A fronteira entre ralé e batalhadores - a qual é sempre fluída na realidade concreta, embora, analiticamente, para efeitos de compreensão seja importante precisamente enfatizar o contraste - está situada precisamente na possibilidade da incorporação pelos batalhadores dos pressupostos para o aprendizado e o trabalho que faltam à ralé.

---

15 POCHMANN, ibid, pag. 8.

16 Que se pense na (in)segurança pública, no "gargalo da mão de obra qualificada", nos problemas da saúde e da educação públicas etc.

Mas por que falta a uns o que é possível a outros nas fluidas fronteiras das classes populares? A resposta dessa questão exige o passo teórico que tomamos na nossa pesquisa, que implica criticar e complementar o esquema utilitarista dos capitais em Bourdieu. Ainda que a versão enriquecida dos capitais em Bourdieu possibilite que se compreenda o cálculo e a estratégia de indivíduos e classes no capitalismo, o comportamento social não é apenas utilitário. As pessoas também precisam dotar sua vida de sentido, de onde retiram tanto a autoestima quanto o reconhecimento social para o que são e o que fazem. No estudo das classes populares essa dimensão é fundamental, porque o que se retira dos dominados socialmente não são apenas os meios materiais. O domínio permanente de classes sobre outras exige que as classes dominadas se vejam como inferiores, preguiçosas, menos capazes, menos inteligentes, menos éticas – precisamente o que reencontramos em todas as nossas entrevistas. Se o dominado socialmente não se convence de sua inferioridade não existe dominação social possível.

Para percebermos adequadamente a dor e o sofrimento humanos envolvidos nesta condição, nós acrescentamos a dimensão valorativa do que as sociedades modernas julgam ser a "boa vida". É a noção "prática" de "boa vida" que define o que é a virtude e, portanto, o que perfaz um indivíduo digno de respeito ou de desprezo. Essa dimensão é implícita e não articulada, mas todos nós nos julgamos e julgamos os outros baseados nela nas 24 horas do dia. Utilizamos a reconstrução do filósofo social canadense Charles Taylor[17], que mostra como nenhum outro a relevância dessas categorias que se tornaram instituições e, portanto, prática "naturalizada" e irrefletida no mundo moderno. Para Taylor, assim como para Max Weber[18], julgamos socialmente uns aos outros baseados nas figuras do "produtor útil" e da personalidade sensível. O efeito de distinção produzido pela noção implícita de "personalidade sensível" foi a base do estudo mais brilhante de Bourdieu acerca das lutas de classe na França[19].

Nos nossos estudos das classes, "dignidade" é um conceito "procedural" e não substantivo, ou seja, ele não é um valor moral específico, mas

17 TAYLOR, 1989.

18 As célebres figuras do "especialista sem espírito" e do "hedonista sem coração", no final do livro sobre a ética protestante, referem-se a papéis sociais muito próximos ao desenvolvidos por Taylor. Ver Weber, Max, Die protestantische Ethik und der Geist des kapitalismus, J.C.B. Mohr, 1948.

19 BOURDIEU, 2010.

um conjunto de características psicossociais incorporadas, emocionais e cognitivas que fazem com que tanto a autoestima pessoal, quanto o reconhecimento social sejam possíveis. É essa seleção prática que qualquer entrevista de emprego no mercado ou qualquer prova de concurso público procura fazer. É a mesma seleção que fazemos todos os dias acerca de quem apertamos a mão ou de quem evitamos até usar a mesma calçada. Essa dimensão é tão encoberta e escamoteada quanto a dimensão dos capitais não econômicos. Daí que a realidade social tenha que ser reconstruída de modo novo em pensamento para que faça sentido.

As classes populares não são apenas despossuídas dos capitais que pré-decidem a hierarquia social. Paira sobre as classes populares também o fantasma de sua incapacidade de "ser gente" e o estigma de ser "indigno", drama presente em literalmente todas as entrevistas. As classes com essa insegurança generalizada, como a ralé e boa parte dos batalhadores, estão divididas internamente entre o "pobre honesto", que aceita as regras do jogo que o excluem, e o "pobre delinquente", o bandido no caso do homem, e a prostituta no caso da mulher. A maioria esmagadora das famílias pobres convive com essa sombra e com essa ameaça, como a mãe da prostituta que a sustentava e que dizia para a filha em uma discussão: "Já fiz de tudo na vida, minha filha, mas puta eu nunca fui"[20]. Como o "estigma da indignidade" ameaça a todos, vale qualquer coisa contra quem quer que seja para se conseguir um alívio momentâneo de tamanha violência simbólica.

Assim, as classes do privilégio não dispõem apenas dos capitais adequados para vencer na disputa social por recursos escassos, mas dispõem também da autoconfiança de quem teve todos os cuidados na família, de quem sabe que frequentou a melhor escola, que possui a "naturalidade" para falar bem línguas estrangeiras, que conta com as economias do pai para qualquer eventualidade ou fracasso, que conta com "exemplos bem sucedidos" na família. Tudo isso é também fonte de recursos valorativos como a crença em si mesmo, produto de uma autoconfiança de classe, tão necessária para enfrentar todas as inevitáveis intempéries e fracassos eventuais da vida sem cair no alcoolismo e no desespero, e usufruir do "reconhecimento social" dos outros, como algo tão natural como respirar.

As classes populares, ao contrário, não dispõem de nenhum dos privilé-

20 Ver trabalho de Patrícia Mattos em SOUZA, Jessé et alii, ibid, 2009, pags. 173 e seguintes.

gios de nascimento das classes média e alta. A socialização familiar é muitas vezes disruptiva, a escola é pior e muitas vezes consegue incutir com sucesso insegurança na própria capacidade[21], os exemplos bem sucedidos na família são muito mais escassos, quando não inexistentes, quase todos necessitam trabalhar muito cedo e não dispõem de tempo para estudos; o alcoolismo, fruto do desespero com a vida, ou o abuso sexual sistemático são também sobrerrepresentados nas classes populares. Os efeitos desse ponto de partida acarretam que a incorporação da tríade disciplina, autocontrole e pensamento prospectivo – que está pressuposta tanto em qualquer processo de aprendizado na escola quanto em qualquer trabalho produtivo no mercado competitivo – seja parcial e incompleta ou até inexistente.

Sem disciplina e autocontrole é impossível, por exemplo, se concentrar na escola. Essa "virtude" não é natural, mas um aprendizado de classe. Por outro lado, sem pensamento prospectivo – ou seja, a visão de que o futuro é mais importante que o presente - não existe sequer a possibilidade de condução racional da vida pela impossibilidade de cálculo e de planejamento da vida pela prisão no aqui e agora.

No contexto das classes populares, nosso estudo dos batalhadores se concentrou na determinação das fronteiras que os separam da ralé, por um lado, e da classe média verdadeira, por outro. Observamos, por exemplo, fontes importantes de autoconfiança individual e de solidariedade familiar baseada na socialização religiosa, temas negados por estudiosos conservadores[22]. O tipo de religiosidade pentecostal, crescentemente importante nas classes populares brasileiras, tende a ser, nos "batalhadores" dominado pelas denominações mais "éticas" – ao contrário da ralé, em que predominam as denominações mais "mágicas" do pentecostalismo - nas quais a regulação racional da vida cotidiana e a crença na própria capacidade passa a ser o valor máximo[23]. Isso implica, nos melhores casos, na possibilidade de se conquistar tardiamente estímulos morais e afetivos que, nas classes do privilégio, estão no horizonte familiar em tenra idade. O belo estudo de Maria de Lourdes Medeiros mostra como também

21 Ver Trabalho de Lorena Freitas em SOUZA, Jessé et alii, ibid, 2009, pags. 281 e seguintes.

22 Ver minha crítica ao trabalho de LAMOUNIER, Bolívar e SOUZA, Amaury, A classe média brasileira: ambições, valores e projetos de sociedade, Campus/CNI, 2010, em SOUZA, Jessé et alii, ibid, 2010, pags 349 e seguintes.

23 Ver o trabalho de Arenari, Brand e Dutra, Roberto, em SOUZA, Jessé et alii, ibid, 2010, pags. 311 e seguintes.

24 Ver o trabalho de Maria de Lourdes de Medeiros, em SOUZA, Jessé et alii, ibid, 2010, pags. 199 e seguintes.

a igreja católica no interior do Nordeste pode servir de incorporação de sólida ética do trabalho para muitas famílias[24]. A religião também pode ser fundamental na redefinição da ética do trabalho de mulheres que o racismo havia condenado ao destino de objeto sexual[25].

Assim, do mesmo modo que a não incorporação familiar, escolar e social dos pressupostos de qualquer aprendizado e trabalho moderno é o que produz e reproduz a ralé, os batalhadores representam a fração das classes populares que lograram sair deste círculo vicioso. Como as fronteiras aqui são muito fluidas, isso significa que não existe "classe condenada" para sempre. Com condições políticas e econômicas favoráveis, os setores que lograram incorporar, seja por socialização religiosa tardia, seja por pertencerem a famílias comparativamente mais bem estruturadas – malgrado o ponto de partida desvantajoso comum a todas as classes populares – a incorporação das pré-condições para o desempenho do papel social do "trabalhador útil", podem ascender socialmente.

Além da importância inegável, para classes socialmente tão frágeis, da variável religiosa, procuramos perceber a dinâmica e os efeitos da incorporação, ainda que tardia, familiar e extra-familiar, dos pressupostos emocionais, afetivos, morais e cognitivos para a "ação econômica racional" nas classes populares, levando em conta as desvantagens do seu ponto de partida. Como se aprende, na prática, com erros e acertos, por exemplo, a ser um trabalhador ou a calcular e a administrar um pequeno negócio de um trabalhador autônomo[26]? Ou ainda, na dimensão mais política e social, tentar responder a questão acerca das bases da solidariedade familiar pressuposta nas pequenas unidades produtivas. Ou ainda de como o trabalhador formal, mas precário, especialmente dos serviços e do comércio[27], são tornados reféns de uma legitimação de um novo tipo de capitalismo que se expande precisamente para essas áreas do capitalismo moderno[28].

O nosso livro tratou da ascensão social, portanto, como um conceito relacional. Esta ascensão também traz consigo sofrimento, esforço, assim como o próprio medo de uma possível desclassificação social futu-

25 Ver o trabalho de Djamila Olivério, em SOUZA, Jessé et alii, ibid, 2010, pags.173 e seguintes.
26 Ver o trabalho de Fabrício Maciel em SOUZA, Jessé et alii, ibid, 2010, pags.173 e seguintes
27 Ver o trabalho de Ricardo Visser, em SOUZA, Jessé et alii, ibid, 2010, pags.61 e seguintes.
28 Ver meu capítulo inicial em SOUZA, Jessé et alii, ibid, 2010, pags.19 e seguintes.

ra. Ela não é uma bala que vai de um ponto a outro sem encontrar obstáculo. Qualquer entrevista no livro comprova isso. Pra levar o conceito a sério temos que considerar a ascensão social como uma prática em constante re-afirmação, um jogo social, cujos participantes são postos à prova a todo o momento com o fantasma da queda social e da desclassificação sempre a espreita.

Mas temos a clara compreensão de que o nosso próprio trabalho foi apenas uma primeira aproximação neste horizonte tão novo e tão desconhecido. Seria muito desejável se os estudos estatísticos bem feitos pudessem ser associados a trabalhos sociológicos mais refinados para os estudos posteriores dos diversos "ambientes sociais", os "*millieus* [29]" ou "frações de classe" em movimento na nossa sociedade. Apenas assim seria possível perceber e ter uma ideia mais clara dos fatores que estão em jogo tanto na ascensão quanto na estagnação ou decadência social dos diversos setores das classes populares brasileiras no atual momento do capitalismo mundial.

O que faz uma concepção "triunfalista" das classes populares no Brasil, como a defendida pelo Prof. Marcelo Neri - onde apenas ascensão social e felicidade[30] são percebidas - ser tão cientificamente superficial e politicamente conservadora é precisamente a negação sistemática do sofrimento e da dor do dominado e do humilhado socialmente. Afinal, é apenas conhecendo e reconhecendo a dor e o sofrimento injustos que podemos mitigá-lo. "Enfeitá-lo" e negá-lo é, ao contrário, a melhor maneira de torná-lo eterno. De certo, apenas, a certeza de que um Brasil melhor se faz olhando nossos problemas e mazelas nos olhos, difíceis e desafiadores como eles são. Não existe nenhum outro caminho para o aperfeiçoamento individual ou coletivo. A escolha é nossa.

29 Ver, acerca da importância dos diversos ambientes sociais ou milieus para a reprodução de uma classe social, o livro clássico de Vester, Michael et alii, Soziale Milieus im Gesellschaftlichen Strukturwandel, Suhkamp, 2001.

30 O fato do "habitus", ou seja, o conjunto dos esquemas de avaliações e percepção do mundo, incorporado nos sujeitos, não ser consciente a eles, implica que a análise empírica dos sujeitos não pode ter a ingenuidade da pesquisa sobre felicidade dos brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. Zouk/EDUSP, 2010.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*, São Paulo, Ática, 1978. NÉRI, Marcelo. A *nova classe média: o lado brilhante da base da pirâmide*. São Paulo, Saraiva, 2012

POCHMANN, Marcio. *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*, São Paulo, Boitempo, 2012.

SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania*, 2ª edição (com prefácio de Axel Honneth). Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2003.

SOUZA, Jessé, et alii, *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2009.

SOUZA, Jessé, et alii, *Os batalhadores Brasileiros: Nova classe média ou nova classe trabalhadora*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2010.

TAYLOR, Charles. *Sources of the self: the making of modern identity.* Harvard University Press,1989.

TAYLOR, Charles. "To Follow a Rule", in: CALHOUN, CRAIG, et alii. (orgs). *Bourdieu: critical debates*, Chicago, University of Chicago Press, 1993.

VESTER, Michael et alii. *Soziale Milieus im Gesellschaftlichen Strukturwandel.* Suhkamp, 2001.

WEBER, Max. *Die protestantische Ethik und der Geist des kapitalismus*. J.C.B. Mohr, 1948.